



INTERNACIONAL

Ano I Nº 361
11 de Março de 2010
Índice

Mulher: Ainda há muito para lutar!	01
Fitim discute o impacto dos Acordos de Livre Comércio	02
Vale não chega a acordo com trabalhadores no Canadá	03
Volta ao lar ! Metalúrgicos de braços abertos para receber Lula em 2011	04
<i>Confira o especial do jornal Valor Econômico</i>	

Mulher: Ainda há muito para lutar!

100 anos de lutas por autonomia, igualdade e direitos.

Em artigo, a secretária da Mulher Metalúrgica da CNM/CUT, Maria Ferreira Lopes, fala sobre as recentes conquistas das mulheres no Brasil e lembra que 2010 será um ano histórico já que a Ministra Dilma Rousseff é protagonista dos espaços de discussão e decisão política do país



Foi em 1910 que durante a 2ª Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, realizada em Copenhague, na Dinamarca, que houve a criação do Dia Internacional das Mulheres.

A escolha do 8 de março é cercada de vários sentidos. Os registros históricos indicam que seria uma homenagem à iniciativa de operárias russas que nessa data realizaram uma greve contra a fome, a guerra e o czarismo.

Apenas 16% dos trabalhadores no ramo metalúrgico são mulheres, afirma Maria Ferreira

Não podemos deixar de lembrar que recentemente foram tivemos conquistas importantes como a ampliação da licença maternidade para seis meses e o combate à violência doméstica por meio da criação da Lei Maria da Penha. Mas ainda há discrepâncias especialmente em relação aos salários entre homens e mulheres, e mesmo que o Brasil tenha ratificado a Convenção 100 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) - que trata de remuneração igual para trabalho de igual valor, isso ainda não se materializou no cotidiano das relações de trabalho das mulheres.

Nos metalúrgicos, um ramo predominantemente masculino, apenas 16% dos trabalhadores são mulheres. E, segundo dados do Dieese, as mulheres ainda recebem menos que os homens, trabalhando na mesma área: **mulheres em ocupações técnicas recebem 24% menos que homens, mulheres em áreas administrativas recebem 32% menos que homens, mulheres na produção ganham 36% menos que homens.**

Em 2010, realizaremos a eleição mais importante de nossa história, em que reafirmaremos o projeto de nação construído nos últimos anos pelo governo Lula. Um Brasil com soberania política, desenvolvimento, emprego e distribuição de renda.

Este será o ano das mulheres no Brasil, a Ministra Dilma Russeff, uma companheira com reais condições de representar a continuidade das ações desse governo, que hoje conta com 85% de aprovação da população, bem como a confirmação da democracia brasileira, com as mulheres também participando dos espaços políticos de decisão do país.

Hoje, 100 anos de lutas por autonomia, igualdade e direitos. Ainda há por que lutar!

Fitim discute o impacto dos Acordos de Livre Comércio

A assessora da CNM/CUT, **Silvia Portela**, participou da reunião do Grupo de Trabalho sobre Comércio, Emprego e Desenvolvimento da Federação Internacional dos Metalúrgicos que discutiu o impacto social e econômico de Tratados de Livre Comércio e os seus desafios para a solidariedade sindical.



Como os Tratados de Livre Comércio (TLC) tornam-se mais importantes nesta crise dos mecanismos multilaterais, os sindicatos devem assegurar-se que os acordos bilaterais não se transformem em um perigoso fator de divisão e em causa de fraqueza para os trabalhadores, concluiu a reunião do Grupo de Trabalho sobre Comércio, Emprego e Desenvolvimento (GT) da **Federação Internacional dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica**.

Na reunião, realizada em Nova Deli (Índia) de 10 a 12 de fevereiro de 2010, os membros do GT de todas as regiões exortaram a Fitim e os seus afiliados a continuar a trabalhar em conjunto e manter um debate transparente sobre possíveis conflitos de interesse em relação aos acordos de livre comércio entre os países e setores, com consultas mútuas entre os sindicatos envolvidos.

Entre vários exemplos, o possível TLC entre a UE e a Coreia do Sul foi considerado um possível passo na direção certa, mas sem fiscalização ou instrumentos de aplicação quanto aos direitos dos trabalhadores. Foram apresentadas sérias dúvidas sobre os benefícios potenciais de desenvolvimento e o impacto na democracia na Coreia do Sul, com o possível enfraquecimento da regulamentação sobre as corporações transnacionais. Neste e em outros TLCs, a falta de transparência e de consulta aos agentes sociais, bem como uma avaliação inadequada dos potenciais impactos sobre os empregos em diferentes indústrias e países, especialmente em sectores de trabalho intensivo, são considerados os principais riscos que requerem um maior compromisso por parte dos sindicatos.

Em uma mesa redonda com o secretário adjunto de Comércio da Índia discutiram a política comercial do país a partir de uma perspectiva de trabalhista e se levantaram preocupações quanto à perda de bons empregos porque o emprego gerado pelo comércio, especialmente nas condições precárias das zonas de processamento de exportação, dificilmente pode promover o desenvolvimento sustentável.

O GT rejeitou por unanimidade, a possível ratificação pelo Parlamento Europeu do TLC UE e Colômbia que foi considerado inaceitável por causa da trágica história colombiana quanto aos direitos humanos e sindicais.

Após a reunião do Grupo de Trabalho realizou-se um seminário conjunto da FITIM e da Federação dos Trabalhadores Têxteis, do Vestuário e do Couro (ITGLWF), com a participação de dirigentes dos sindicatos que organizam os trabalhadores indianos nas áreas metalúrgica e têxtil. Foram analisados os efeitos da liberalização do comércio e dos investimentos sobre o emprego, o desenvolvimento e os direitos humanos dos trabalhadores na Índia. Foram aprovadas recomendações sobre a uma colaboração mais sistemática entre os afiliados indianos das duas federações sindicais e com organizações não governamentais para expressar conjuntamente as preocupações dos trabalhadores sobre a política comercial da Índia. (Carla Coletti) (Fitim, 25.02.2010)

Leia algumas das apresentações dos participantes na reunião do GT:

La crisis económica y los espacios multilaterales :impactos, decisiones, avances y retrocesos (Silvia Portela, CNM/CUT)

Tratado de libre comercio entre la Unión Europea y Corea del Sur (Jens Boe Andersen, Dansk Metal)

El comercio internacional y el desarrollo, vistos por los Metalúrgicos Europeos (Judith Kirton-Darling, FEM)

Outras intervenções podem ser encontradas na **página da Fitim**.

Vale não chega a acordo com trabalhadores no Canadá

As negociações entre a Vale Inco, unidade da mineradora Vale no Canadá, e o USW, sindicato que representa os trabalhadores de Sudbury e Port Colborne não obtiveram nenhum sucesso, disseram ambas as partes no domingo. Os 3.200 trabalhadores estão a mais de 8 meses em greve, desde 13 de julho de 2009.

Segundo informações não confirmadas a Vale pretende reiniciar as negociações com os 450 trabalhadores da mina de Voisey's Bay, em greve desde agosto de 2009.

Grevistas vão votar oferta da Vale Inco



Os trabalhadores em greve nas operações de níquel da Vale Inco vão se reunir amanhã e na sexta-feira para votar um novo acordo de cinco anos que foi apresentado aos negociadores, apesar do rompimento das conversas iniciais no final de semana entre a unidade da mineradora brasileira no Canadá e o sindicato **United Steelworkers**.

O objetivo das conversas era retomar as negociações para pôr fim à greve.

Apesar do rompimento, a Vale apresentou ao sindicato um novo acordo. "Ao final da sessão, ainda que de maneira informal, a companhia entregou uma oferta por escrito", disse um representante do sindicato à agência Dow Jones. "Achamos que seria justo levar a oferta ao sindicato para votação para ter uma sinalização do ponto de vista dos membros", disse o representante. Ele acrescentou que a equipe de negociação do sindicato recomendou a rejeição da proposta, considerando as mudanças insignificantes.

Cerca de 3,1 mil membros do sindicato estão em greve, enquanto 1,2 mil funcionários não sindicalizados continuam trabalhando. Os grevistas estão recebendo do sindicato um pagamento que equivale a cerca de 25% de seu salário normal. As operações da Vale em Sudbury produziram 43 mil toneladas de níquel em 2009, 49% a menos do que em 2008; as de Voisey Bay produziram 40 mil toneladas, uma queda de 43%. As informações são da Dow Jones. (Marcílio Souza) (Agência Estado, 10.03.2010)

"STF não reconhecer legalidade das centrais seria retrocesso"

Para presidente da CUT, cabe às centrais defender questões gerais de interesse dos trabalhadores

O presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Artur Henrique, disse nesta quarta-feira, 10, em São Paulo, que será um retrocesso para a sociedade brasileira se o Supremo Tribunal Federal (STF) não reconhecer a legalidade das centrais sindicais. "Questões importantes, como a valorização do salário mínimo, têm sido defendidas pelas centrais. Sem elas, esse tipo de luta ficaria sem defensores."

O STF retoma nesta quarta o julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin) 4.067, em que o DEM questiona a legalidade das centrais e, via de regra, o repasse do imposto sindical a essas organizações. De acordo com Henrique, cabe às centrais defender questões gerais de interesse dos trabalhadores, como a valorização do salário mínimo, a redução da jornada e dos juros e a aposentadoria.

"A função de confederações e sindicatos é defender temas específicos de cada categoria. Às centrais, cabe defender os temas gerais." Ele disse que seria um contrassenso essas entidades não serem reconhecidas e, ao mesmo tempo, fazerem parte das instâncias que decidem o destino dos recursos dos Fundos de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e de Amparo ao Trabalhador (FAT), cujos montantes chegam a R\$ 20 bilhões e R\$ 400 bilhões, respectivamente.

Henrique rebateu as afirmações de que as centrais se beneficiam do repasse do imposto sindical. "Se o imposto for retirado, continuaremos a trabalhar como fazíamos antes. Não é esse o problema. O problema é o não-reconhecimento." O presidente da CUT participa hoje da reunião de trabalho do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES). (Agência Estado, 10.03.2010)

>>> Volta ao Lar!

O sítio de Lula fica em Estoril, no Riacho Grande, um distrito ao sul da área urbana que, além da represa, reúne os bairros rurais de São Bernardo do Campo. Cercado de muito verde, em meio à Mata Atlântica, na Serra do Mar, o refúgio do presidente fica na mesma rua do clube de campo do sindicato dos metalúrgicos.

A altura do mato à entrada do terreno - pequeno, segundo contam - revela que há tempos a família Lula da Silva não passa por lá. Uma placa suspensa sobre o portão de madeira anuncia o nome do sítio: "Los Fubangos". Ideia dos filhos do presidente, fubango é gíria usada por jovens que querem se referir a uma pessoa mal arrumada ou sem dinheiro.

O acesso é no início da Estrada Velha de Santos. Para quem segue pela via Anchieta, sentido Baixada Santista, "Los Fubangos" fica numa região logo após a ponte que passa por cima da represa, do lado esquerdo. No lado direito está a prainha, onde há bares e restaurantes, inclusive um flutuante, que no passado era um destino chique de casais de namorados. Esses estabelecimentos ainda funcionam, mas o Riacho Grande perdeu o glamour. Deteriorou-se. Falta estrutura para receber visitantes e há até pouco tempo os moradores reclamavam da falta de iluminação.

A prefeitura tem planos de revigorar a região. O governo federal vai dar uma mão. Em meados de dezembro, o Ministério do Turismo liberou R\$ 10 milhões para revitalizar a prainha e o Estoril. O projeto prevê desde redes de água e esgoto, até a construção de quiosques, deques, ciclovia e reforma de um antigo teleférico. Segundo o secretário de Desenvolvimento e Turismo de São Bernardo, Jefferson da Conceição, ex-economista do Dieese, a atual administração entende que é preciso resgatar a vocação turística de Riacho Grande. Isso servirá, segundo ele, para montar estrutura de turismo voltada aos que visitam a região a negócios. Apesar de abrigar diversas multinacionais, a cidade nunca teve rede de hotéis de alto padrão. O secretário está em busca também de parceiros para instalar um museu do automóvel.

O sítio de Lula é vizinho ao do prefeito, Luiz Marinho. O presidente animou-se a comprar terreno por lá depois que Marinho e dois amigos metalúrgicos haviam comprado um, em parceria. Um dos sócios do imóvel era o atual deputado federal Vicente Paulo da Silva. Vicentinho e o outro colega venderam suas partes para Marinho, que agora está prestes a morar no sítio de Riacho Grande.

Em seu gabinete, no último andar do enorme edifício no Paço Municipal, Marinho reclama da infiltração de água, cada vez mais comum. O paço inunda a cada temporal e, segundo diz, só não há goteiras no gabinete do prefeito. O único, ironiza, que recebeu manutenção das últimas administrações, comandadas por PTB, PSB e PSDB.

O PT e muitas das suas lideranças nasceram do movimento sindical de São Bernardo. Mas não se pode dizer que a cidade, com mais de 800 mil habitantes, é um reduto do partido. Ao contrário de Mauá, por exemplo, também no ABC, onde Lula sempre venceu nas eleições presidenciais.

Em São Bernardo, o PT só ganhou as eleições municipais em 1988 e 2008. Um dos amigos mais próximos de Lula, Marinho nunca escondeu o desejo de administrar a cidade. Mas permaneceu no cargo de presidente nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT) quando Lula assumiu o primeiro mandato de presidente da República. De lá saiu para assumir o Ministério do Trabalho e depois, o da Previdência. A presença de Marinho numa central poderosa com muitas facções a manteve sob controle no início do governo.

Marinho almeja a reeleição. Isso o levou a abortar a ideia de ser candidato ao governo estadual nas próximas eleições. Ele tem planos de reurbanização da periferia - "que parecia campo de concentração". Para isso, espera obter ajuda de linhas de financiamento dos governos federal e estadual. Sobre a sua mesa estão os desenhos das plantas dos projetos que mais o entusiasma: a construção de várias unidades de CEU (Centro Educacional Unificado), criado por Marta Suplicy em São Paulo. >>>>

Foi nessa mesma época que, um dia, enquanto jogava bilhar no sindicato, Lula recebeu a visita de um jovem desconhecido, que foi pedir ajuda numa greve. Era Carlos Alberto Grana, hoje presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos. Grana conhecia o movimento sindical do ABC desde os 14 anos porque participava de uma organização chamada Juventude Operária Católica. Logo que entrou na Brosol, extinta fabricante de carburadores de Ribeirão Pires, o metalúrgico recém-formado no Senai ajudou a organizar uma greve. Mas garante que a empresa só aceitou negociar depois que Lula apareceu no carro de som.

Assim como Lula, Grana, passou mais tempo da vida trabalhando como militante do que como metalúrgico. Nas próximas eleições, ele se candidatará a uma vaga na Assembleia Legislativa de São Paulo. O dirigente contesta a tese de que as fábricas deixaram de formar lideranças políticas. Garante que surgirá muita gente preparada para a política entre os 2 milhões de trabalhadores que formam a base de metalúrgicos no Brasil. Para um cenário mais próximo, Grana aposta as fichas em Luiz Marinho.

Para Sérgio Nobre, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, os sindicalistas hoje estão prontos para atuar de uma forma diferente da época de Lula. Ele lembra que naqueles tempos era preciso fazer greves de pelo menos 40 dias porque somente a partir disso, o estoque de matéria-prima e peças terminava.

A globalização trouxe o desafio do trabalho sem estoques, o que antecipou o diálogo com os empresários. "Criamos em São Bernardo a negociação permanente", afirma. Nobre diz que a agenda do sindicato hoje é outra. Enquanto nos tempos de ditadura o movimento sindical se concentrava na briga por melhores condições dentro das fábricas e havia conflito por qualquer coisa, hoje os desafios são outros. "A agenda mudou", diz. "Agora há uma nova realidade econômica e política no país e, por isso, os sindicatos precisam estar preparados para questões como o enfrentamento da crise, o desenvolvimento regional e relações internacionais", completa.

Para Ademir Médici, pesquisador do ABC, os metalúrgicos se elitizaram. Ele lembra que muitas empresas, como a Volkswagen, que ameaçavam deixar a região, decidiram permanecer e aproveitar a especialização da mão-de-obra local.

Os lulistas do ABC aguardam o fim do mandato presidencial com grande expectativa. Seu reduto espera que, com a experiência do Planalto na bagagem, Lula continue de alguma forma engajado em movimentos populares. Essa legião de seguidores já está informada de que o presidente provavelmente se dividirá entre São Bernardo e missões internacionais em países em desenvolvimento.

Para o professor Luiz Roberto Alves, pesquisador da Universidade de São Paulo e coordenador da cátedra de gestão de cidades, no ABC, os admiradores de Lula já se conformaram em não tê-lo mais por perto porque entendem que ele é alguém construído a partir da história deles. "É o povo pobre que saiu de regiões como o Nordeste para trabalhar nas fábricas do ABC e que cresceu ouvindo a mãe contar as histórias de que pobres quase sempre perdem, mas pode haver uma esperança", afirma.

O Sindicato dos Metalúrgicos o aguarda o presidente para participar do segundo congresso da mulher metalúrgica, no fim deste mês. O primeiro foi no mandato de Lula como dirigente, em 1978. A confederação dos metalúrgicos já o aclamou presidente de honra. E, no diretório do PT, Salatiel ainda tem esperanças de que o presidente tenha tempo para ajudá-lo a organizar o partido na cidade.

Ele gostaria de preparar uma grande festa "de volta às origens". Pensou numa fila de pessoas de mãos dadas à entrada da cidade. Difícil saber, no entanto, qual entrada, já que São Bernardo do Campo faz divisa com São Paulo, Santo André, São Caetano do Sul, Diadema e Cubatão.

A vizinhança do apartamento da Avenida Prestes Maia também está na expectativa. O administrador de empresas Carlos Borges, que mora no quarto andar, petista e escorpiano como Lula, é fã do presidente. Mas ele já presenciou a cena de vizinhos erguendo faixas com "fora, Lula", em épocas de eleição. Nathali Requena, que mora nas redondezas, já se cansou do ruído dos geradores dos carros de televisão. Ela diz que não imagina Lula circulando pelo bairro com tranquilidade mesmo depois de deixar a Presidência.

Mas não é apenas a base política que espera ansiosamente pelo fim do mandato presidencial. Num modesto e agradável Restaurante do bairro Assunção, o ex-metalúrgico Juno Rodrigues Silva, o Gigio, já se prepara para servir a chuleta preferida de Lula como nos bons tempos: com o cliente sentado na mesa número 1 ou na número 2, como ele costumava fazer.

Gigio passou os dois mandatos levando o prato do presidente para o prédio da Avenida Prestes Maia, em boa parte das vezes em que ele passava pela cidade. Chegou ao requinte de enviar a carne crua, já temperada, até Brasília. Por isso, ele diz não se incomodar se a próxima missão de Lula for novamente longe do restaurante - "Eu mando a chuleta onde ele estiver".

>>> Volta ao Lar!

A administração petista enfrenta forte oposição. Marinho só conseguiu maioria na Câmara Municipal graças a uma aliança com o DEM, principal opositor do governo Lula. O vereador Admir Ferro (PSDB), líder da oposição, diz que os primeiros meses da administração petista foram "bastante conturbados". Ferro, o vereador mais votado, repete discurso comum dos opositores do PT no ABC: "Quem ganhou a eleição em São Bernardo foi Lula e não Marinho". Para ele, Lula continuará a agir como o principal cabo eleitoral do PT quando deixar a Presidência.

"Primeiro, vamos nos alinhar com a candidatura de Dilma", diz o presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT, Carlos Aberto Grana. Além disso, os metalúrgicos decidiram fortalecer a presença dos sindicalistas na vida política. "Para que esse projeto não fique em oito anos", diz.

A iminência do término do mandato presidencial provoca sentimentos antagônicos entre as lideranças operárias em São Bernardo do Campo. O retorno do líder ao reduto causa euforia e muita expectativa por um lado, mas um sentimento de vazio por outro. Pela primeira vez desde que o Partido dos Trabalhadores começou a disputar eleições, em 1982, Luiz Inácio Lula da Silva não está no páreo. O ABC ainda não tem um trabalhador candidato a substituto de Lula. Mas o sindicalismo não quer perder espaço no poder. Há poucos dias, durante um congresso, os dirigentes dos metalúrgicos da CUT decidiram que o movimento sindical deve continuar interferindo na política nacional.

A maior parte dos sindicalistas e políticos alinhados com o PT que atuam no ABC hoje era formada por jovens operários quando Lula despontou na política sindical. E vieram, assim como ele, de outras regiões do país.

É o caso do presidente do diretório, Wanderley Salatiel. Ele abandonou a vida de cortador de cana em Sertãozinho, da região de Ribeirão Preto (SP), para procurar trabalho em São Paulo. E assim como Lula, chegou na carroceria de um caminhão. Arrumou emprego no bar do tio, aquele de onde assistia Lula discursar na Vila Euclides. Começou a carreira sindical numa fábrica de produtos de higiene, base dos químicos do ABC.

Fã inveterado do presidente, Gigio montou uma galeria de fotos antigas dos tempos sindicais e uma, mais atual, ao seu lado. O caprichado salão com capacidade para 120 pessoas começou pequenino, há 22 anos. Depois de perder o emprego na fábrica e não se dar bem na política, o metalúrgico decidiu vender uma casa e comprar um bar velho. "Deus e Nossa Senhora vão te ajudar", disse Lula quando o amigo revelou os planos. Quem sugeriu a chuleta foi um camioneiro de passagem. O prato caiu no gosto graças a um bom açougue na mesma rua e ao tempero de Dona Divina, a esposa, que comanda a cozinha.

Os amigos de Lula no ABC têm um certo receio de falar com jornalistas. Gigio lembra um deles que "aprontou" depois de visitar o restaurante em busca de fotos que mostrassem o presidente da República tomando bebida alcoólica. Era Larry Rohter, o repórter do "New York Times" que chegou a ter o visto brasileiro suspenso depois de escrever, há seis anos, a polêmica reportagem sobre a suspeita de que o presidente consumiria bebida alcoólica além do razoável.

Essa é também a preocupação de Rosa Kido, a dona do bar vizinho do sindicato dos metalúrgicos. Descendente de japoneses, ela se instalou por ali em 1968 e não gosta nem de lembrar dos tempos da intervenção militar. Rosa estabeleceu uma relação especial com o passado sindical e se diz orgulhosa por conhecer políticos famosos que hoje ainda passam por lá. Desconfiada, ela vai logo dizendo que quando ia no bar, Lula só tomava guaraná e comia pastel - "E, de vez em quando um Domecq".

Entre os dois mandatos, Getúlio Vargas se refugiou numa fazenda em sua terra natal, São Borja (RS). Ninguém consegue imaginar um cenário semelhante com Lula em São Bernardo. Para o professor Luiz Roberto Alves, Getúlio, construiu "um mito que desaparecia nos intervalos de poder". Com Lula, pode ser diferente. "A liderança de Lula excede a do presidente. Se ele conseguir retornar à base sem a mitificação, terá dado um passo importante na história". diz. (Valor, 10.03.2010)